

AS FAMÍLIAS
DO MANGUE E SUAS
PRÁTICAS HOLÍSTICAS
UM ESTUDO
NORDESTE PARAENSE
AMAZÔNIA, BRASIL

AS FAMÍLIAS
DO MANGUE E SUAS
PRÁTICAS HOLÍSTICAS:
UM ESTUDO NO
NORDESTE PARAENSE,
AMAZÔNIA, BRASIL

FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

NORMA CRISTINA VIEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

SEBASTIÃO RODRIGUES JÚNIOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

AS FAMÍLIAS DO MANGUE E SUAS PRÁTICAS HOLÍSTICAS: UM ESTUDO NO NORDESTE PARAENSE, AMAZÔNIA, BRASIL

Resumo

O presente estudo traz discussão relacionada aos povos usuários dos manguezais do nordeste do estado do Pará (município de Bragança, Amazônia Brasileira) objetivando analisar as famílias e suas práticas holísticas empreendidas nas atividades de apropriação e uso dos recursos ambientais do mangue. Por conseguinte, descrever o perfil e as características dessas famílias no que concerne à organização social, às formas e práticas. Procura, ainda, identificar as práticas produtivas e sua relação de gênero e de geração, constituídas através dos saberes ecológicos locais por quem sobrevive do e no mangue. O estudo ocorreu no período de 2012 a 2015 em quatro comunidades, a saber: Bonifácio, Castelo, Caratateua e Tamatateua, consideradas produtoras de atividades laborais nos manguezais dessa região. Foram selecionadas 24 pessoas, entre homens e mulheres, para participarem de entrevistas direcionadas, por meio de um questionário com perguntas semiestruturadas e relacionadas com as práticas cotidianas empreendidas para a apropriação e uso dos recursos ambientais do mangue. Adicionalmente, foram feitas observações diretas em campo e registros das falas e dos discursos por meio de gravação. A análise dos dados correu por meio do Programa *Statistical Package for the Social Sciences*, complementado com a análise de conteúdo, que permitiu interpretar e compreender as falas e os discursos dos entrevistados. Os resultados revelaram que as famílias do mangue constituem sua renda a partir do extrativismo do peixe, do caranguejo-uçá, dos mariscos e da madeira de mangue, assim como por pequenas atividades ligadas à confecção e conserto de redes de pesca, à coleta de lenha do mangue para a fabricação de carvão, ao artesanato, dentre outros, com a participação direta de todos os membros da família. Os homens, na sua maioria, praticam atividades pesqueiras de produtos que agregam maiores valores no mercado, enquanto as mulheres extraem recursos como peixes costeiros, crustáceos e ervas medicinais, prioritariamente, para o sustento e manutenção, imediato, familiar. São também observadas práticas de reciprocidade entre as famílias e seus membros, com a divisão do esforço físico de trabalho, de apetrechos pesqueiros e nas atividades festivas das comunidades. Identificou-se, ainda, que os saberes empreendidos pelas famílias no uso dos recursos dos manguezais se devem à transmissão de saberes dos mais “velhos” aos mais “novos”, onde a inserção ocorre muito cedo, ainda na

infância, e se concretiza de modo geral, na juventude quando passam a integrar os grupos pesqueiros interfamiliares. Logo, conclui-se que essas famílias têm como marca de suas atividades uma relação direta e holística no ambiente do manguezal, tanto no que diz respeito ao usufruto dos recursos que este oferece quanto na sua dinâmica social, econômica e cultural.

Palavras-chave: Manguezal, comunidades tradicionais, saberes locais.

THE FAMILIES OF MANGROVE AND THEIR HOLISTIC PRACTICES: A STUDY IN NORTHEAST OF PARA, AMAZONIA, BRAZIL

Abstract

The present study brings discussions related to population that use mangroves of Northeast of Para (municipality of Bragança, Brazilian Amazonia) aiming to analyze the families and their holistic practices carried out in activities of appropriation and use of mangrove environmental resources. Therefore, it describes the profile and characteristics of these families with regard to the social organization, the forms and practices. In addition, it intends to identify the productive practices and their relation to gender and to generations, constituted through the local ecological knowledge by who survives in and from the mangrove. This research occurred from 2012 to 2015 in four communities, namely: Bonifácio, Castelo, Caratateua and Tamatateua, considered as producers of labor activities in mangroves of this region. Among men and women, 24 people were selected to participate in directed interviews by means of a questionnaire with half-structured questions and related to the daily practices undertaken for the appropriation and use of the mangrove environmental resources. Furthermore, direct field observations and records of speeches and discourses were done by recording. Data analysis was done

using the *Statistical Package for the Social Sciences* Software, complemented with content analysis which allowed to interpret and understand speeches and discourses of interviewees. The results revealed that mangrove families constitute their income from the extractivism of fish, *uçá* crab, seafood and mangrove wood, as well as small activities related to the confection and repair of fishing nets, collection of mangrove firewood for the manufacture of coal, handicrafts, among others, with the direct participation of all members of the family. The majority of men practice fishery activities of products with the highest values on the market while women extract resources such as coastal fish, crustaceans and medicinal herbs, primarily for immediate family support and maintenance. It is observed reciprocity practices among families and their members, with the division of the physical work effort, sharing fishing tackles and in the festive activities of the communities. It was also identified that the knowledge carried out by the families in the use of mangrove resources is due to transmission of knowledge from the “older” to the “younger”, since the insertion occurs very early, in the childhood, and it materializes generally in the youth when they start to integrate the interfamily fishing groups. Therefore, it is concluded that these families have as a mark of their activities a direct and holistic relationship in the mangrove environment, both in terms of the usufruct of the resources it offers and in its social, economic and cultural dynamics.

Keywords: Mangrove, traditional communities, local knowledge.

LAS FAMILIAS DEL MANGUE Y SUS PRÁCTICAS HOLÍSTICAS: UN ESTUDIO EN EL NORDESTE PARAENSE, AMAZONIA, BRASIL

Resumen

El presente estudio trae discusiones relacionadas con los pueblos usuarios de los manglares del nordeste del estado de Pará (Bragança, Amazonía brasileña), con el objetivo de analizar a las familias y sus prácticas holísticas a partir de las actividades de apropiación y el uso de los recursos ambientales del manglar. Por lo tanto, describir el perfil y las características de esas familias en lo que se refiere a la organización social, a las formas y las prácticas; ya que busca identificar las prácticas productivas, su relación de género y de generación, establecidas mediante los saberes ecológicos locales por lo que sobreviven del y en el manglar. Este estudio se llevó a cabo en el periodo de 2012 hasta 2015 en las cuatro comunidades siguientes: Bonifácio, Castelo, Caratateua y Tamatateua; que son consideradas productoras de las actividades laborales en los manglares de esa región. Se seleccionaron 24 personas entre hombres y mujeres; que participaron en las entrevistas guiadas mediante un cuestionario de preguntas semiestructuradas y relacionadas con las prácticas cotidianas emprendidas para la apropiación y el uso de los recursos ambientales del manglar. Además, las observaciones directas en el campo y el registro de los diálogos y los discursos han sido registrados mediante la grabación. Los datos han sido analizados en el Programa *Statistical Package for the Social Sciences*; estos datos junto con el análisis de contenido permitieron la interpretación y comprensión de los diálogos y discursos de los entrevistados. Los resultados demostraron que la renta de las familias de manglar está constituido por el extractivismo de pescado, de cangrejo uçá, de los mariscos y de la madera de manglar; asimismo por las actividades pequeñas relacionadas a la confección y la reparación de las redes de pesca, la colecta de leña de manglar para la fabricación del carbón, el trabajo con artesanías, entre otras actividades que incluyan la participación directa de todos los miembros de familia. Los hombres en su mayoría practican actividades pesqueras con productos que agregan valores mayores al mercado; mientras que las mujeres extraen recursos como peces costeros, crustáceos y hierbas medicinales, principalmente para el sustento y el mantenimiento familiar. También se observaron las prácticas de reciprocidad entre las familias y sus miembros; mediante la división del esfuerzo físico del trabajo, de los instrumentos pesqueros y las actividades festivas de las comu-

nidades. Además, se identificó que los saberes practicados por las familias sobre el uso de los recursos de los manglares, se deben a la transmisión de los saberes de los más “viejos” a los más “jóvenes”, donde la inserción ocurre desde muy temprano, aún en la infancia y de modo general se concretiza en la juventud cuando pasan a integrar los grupos pesqueros interfamiliares. Por consiguiente, se concluye que las actividades de esas familias son caracterizadas por una relación directa y holística al ambiente de manglar; tanto en lo que se refiere al disfrute de los recursos que este ambiente ofrece, así como en su dinámica social, económica y cultural.

Palabras clave: Manglar, comunidades tradicionales, saberes locales.

Francisco Pereira de Oliveira
franoliveira@ufpa.br

Norma Cristina Vieira
normacosta@ufpa.br

Sebastião Rodrigues Júnior
sebast@ufpa.br

INTRODUÇÃO

O manguezal é reconhecido como um dos mais importantes ecossistemas da costa brasileira, constituído de recursos como: madeira, componentes da fauna e da flora considerados como remédios, tinturas, peixes, crustáceos e moluscos (Canestri & Riuz 1973; Pannier & Pannier 1980). Certamente, por possuir abundância em alimento, agrupamentos humanos foram atraídos, em especial, os que vivem no entorno e próximo ao litoral. Segundo Simões (1981), os primeiros habitantes do litoral se aproximaram dessas zonas por serem ricas em alimentos, e os recursos mais buscados por esses povos originais eram: ostras, mexilhões, siris, caranguejos, peixes, além de répteis, mamíferos e aves. Sanoja & Vargas (1974: 35-41 *apud* Simões 1981:19) descrevem que esses povos possuíam um modo de produção de coletores marinhos especializados, não excluindo, porém, a possível coleta de frutos, sementes e raízes como suplemento alimentar.

Sabe-se que as comunidades costeiras, sobretudo as que residem em vilas e povoados no entorno dos manguezais, empreendem atividades diferentes para viver. Por exemplo, coletam e beneficiam caranguejos e mexilhões, extraem madeiras, pescam diferentes espécies de peixes e camarões, praticam a agricultura de subsistência e, mais recentemente, praticam a apicultura (Isaac *et al.* 1999; Glaser & Krause 2003; Maneschky 2005; Oliveira 2006). Adicionalmente, essas comunidades tendem a se especializar em uma ou duas atividades como forma de suprir suas

necessidades econômicas e interagir com o mercado local (Oliveira 2006).

Essas populações tradicionais¹, artesanais, extrativistas e organizadas em comunidades têm o tempo social e a vida cotidiana, fortemente regidos pelos ciclos naturais - o tempo da natureza impõe suas regras de forma significativa. No caso do litoral bragantino, lócus deste estudo, as atividades de pesca são afetadas, de modo geral, pelo regime de maré. A percepção do pescador sobre a regularidade cíclica da maré afeta tanto a operação mecânica dos métodos de pesca como a distribuição das espécies dentro do estuário. A decisão de onde pescar, a cada dia é tomada tendo-se como base informações pre-determinadas do ambiente (Maneschky 1995).

Para muitos grupos sociais, a exemplo populações tradicionais, as intervenções humanas no meio ambiente são manifestações de sua vida, incluindo a cultura e as aspirações moldadas por ela. Nessa visão, Diegues (1996) argumenta que as populações tradicionais podem satisfazer suas necessidades a partir de uma *simbiose* entre o ser humano e a natureza, sem produzir impactos negativos de grande magnitude. Isto é possível devido ao saber - fazer, saber-conhecer e saber – aprender, que existe dentro do campo simbólico construído pelos povos tradicionais, que se caracteriza pela estreita relação com a natureza ao produzirem seus meios de vida (Castro 1997).

Com efeito, estudos realizados com grupos sociais dependentes do extrativismo como a coleta, a pesca e a caça,

combinadas com a agricultura de pequena escala, mostram que suas práticas produtivas não se caracterizam por uma relação de exterioridade (externalidade) entre humano e natureza, entre os quais se interpõe uma tecnologia (Furtado 1994; Maneschy 1995; Diegues 1995; Castro 1997). Diferentemente de uma relação sujeito e objeto, tal como a que ocorre, em boa medida, entre um pesquisador e seu “objeto” de conhecimento, ou entre um empreendedor e sua “área de investimento”, a relação dessas populações com a fauna e a flora existentes em seus territórios se configura mais como uma interação.

Essa relação fortemente construída e estabelecida pelo tempo e pela convivência apresenta-se complexa, pois implica formas múltiplas de relacionamento com o recurso, e é justamente essa variedade de práticas que assegura a reprodução do grupo (Castro 1997).

A pesca artesanal² consiste em importante fonte de alimento e de renda para muitos grupos sociais de áreas costeiras e fluviais do Brasil (Bayley & Petreire Jr. 1989; Maldonado 1993; Diegues 1983; 1995). Neste tipo de atividade, os membros da família (nuclear ou extensa), em geral, constituem as unidades de produção. Nesta instituição familiar, as relações de parentesco são essenciais na formação do grupo social, especialmente na daqueles que estão se iniciando na atividade de pesca. É por meio destas relações que se constroem os primeiros conhecimentos ecológicos locais³.

Harris (2006) destacou a importância material e moral do parentesco para a

reprodução social das sociedades camponesas amazônicas. Para esse autor, as relações de parentesco possibilitam o controle contínuo do acesso aos recursos próximos, como terras, lagos, rios e estuários.

Murrieta (1998, 2001) também enfatizou que o trabalho nas comunidades tradicionais amazônicas está organizado de duas maneiras: 1) relações verticais, com os pais, conduzindo e acompanhando o trabalho de seus filhos em um grande período de tempo, e; 2) relações horizontais, entre os pares (primos/primas, comadres/compadres, madrinhas/padrinhos, tios/tias, avôs/avós). Nessas sociedades, as redes de parentesco são densas e organizadas em agrupamento familiar (Furtado *et al.* 1993).

O texto que segue se propõe a discutir o perfil da população costeiro-estuarina dependente diretamente dos recursos naturais do ecossistema de manguezal localizado no município de Bragança, região nordeste paraense. Essa população merece destaque, pois possui uma organização social própria e práticas produtivas peculiares. Neste sentido, coube aqui, *i*) descrever o perfil e as características das famílias do mangue no que concerne à organização social, às formas e práticas no uso e apropriação dos recursos naturais do ecossistema de manguezal; *ii*) compreender as práticas holísticas permeadas por quem sobrevive no mangue; *iii*) analisar as práticas produtivas e sua relação de gênero e de geração, constituídas através dos saberes ecológicos locais.

O texto apresenta algumas reflexões e parte dos resultados de investigações dos autores apresentados em trabalhos finais de Tese do Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental do IECOS – Instituto de Estudos Costeiros da Universidade Federal do Pará, Campus Bragança, a saber: Francisco Pereira de Oliveira, “Análise da percepção dos extrativistas estuarino-costeiros sobre o zoneamento da extração do carangueju-uçá (*Ucides cordatus*) e da madeira nos manguezais da RESEX-Marinha Caeté-Taperaçu, Pará, Costa Amazônica Brasileira”; e Norma Vieira, “Gênero, geração e saberes na pesca artesanal costeiro-estuarina amazônica: dois sexos, lugares de gênero e

múltiplas idades”, ambas as teses defendidas e aprovadas em 2015.

1. MATERIAL E MÉTODO

1.1. Área de Estudo

O presente trabalho foi realizado no município de Bragança (Figura 1), em quatro comunidades (Bonifácio, Castelo, Caratateua e Tamatateua), entre os meridianos de 46°32'16”W e 46°55'11”W e os paralelos 00°43'18”S e 00°04'17”S, abrangendo uma área de 1.570 km² (Barbosa & Pinto 1973). Esta planície possui uma grande diversidade de ecossistemas: praias, baías, costões, manguezais, restingas, ilhas, recifes, falésias, estuários e brejos.

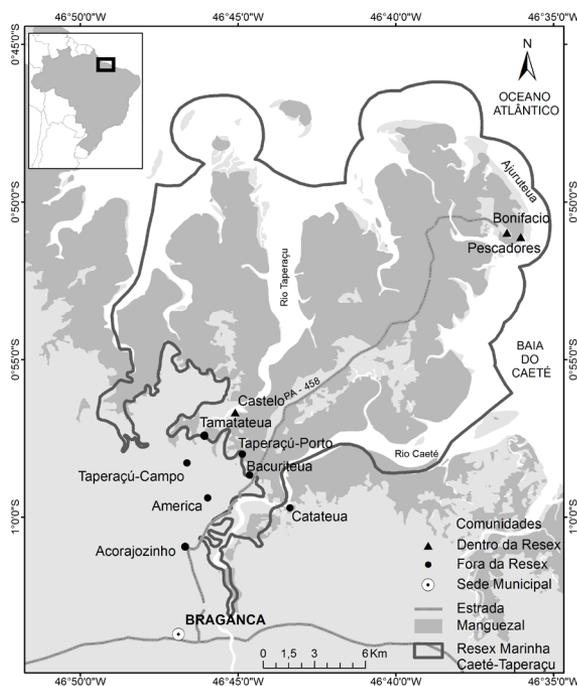


Figura 1: Mapa de localização das comunidades costeiras, com destaque para as quatro comunidades (Bonifácio, Castelo, Caratateua e Tamatateua) partícipes do presente estudo, Bragança – PA.

De acordo com Krause *et al.* (2001), aproximadamente 90% da península bragantina (cerca de 120 Km²) são cobertos, fundamentalmente, por três espécies de mangue (plantas nativas de áreas de manguezal): mangue vermelho [*Rhizophora mangle* L.], Siriúba [*Avicennia germinans* (L.) Stearn] e mangue branco [*Laguncularia racemosa* (L.) Gaertn f.], sendo a primeira a espécie dominante (Marques *et al.* 1997; Proisy *et al.* 2003). Os bosques de mangue são bem desenvolvidos, com árvores de até 25 metros de altura, entrecortados por pequenos canais que permitem a entrada de nutrientes provenientes das águas da baía do Caeté (Wolf *et al.* 2000).

As comunidades que compõem a **área de estudo** se caracterizam por uma grande diversidade ambiental e de atividades, sobretudo extrativistas. Dá-se um uso intensivo dos recursos costeiros, como pesca de espécies variadas, a saber: mariscos variados, camarão (*Litopenaeus schmitti*), gó (*Macrodon ancylodon*), sardinha (*Anchovia clupeioides*), turu (*Teredo* sp.), siri (*Calinectes* sp.), sururu (*Mytella* sp.), caranguejo (*Ucides cordatus*) e outros recursos do manguezal ainda que em menor escala: ostra (*Crassostrea rhizophorae*) e sarnambi (*Lucina pectinata*). Ademais, tem-se a coleta de mel e a agricultura familiar, com o cultivo de mandioca, milho, feijão, arroz, laranja, entre outros (Gorayeb 2008).

1.2 Coleta e Análise de Dados

O levantamento dos dados ocorreu nos períodos compreendidos de 2012 a 2015. A coleta foi realizada através de observações diretas e registros fo-

tográficos, entrevistas aplicadas às lideranças, pescadores e moradores locais.

A coleta de dados considerou a amostragem estratificada segundo os critérios: 1) comunitários residentes nas comunidades da pesquisa; 2) pessoas que possuem relação direta com os recursos naturais do ecossistema de manguezal, ou seja, pescadoras, tiradoras de caranguejo, marisqueiras, dentre outras; 3) pessoas que, de alguma forma, possuem relação direta com as questões organizacionais e comunidades religiosas, culturais e ambientais; 4) pessoas que possuem faixa etária a partir de 25 (vinte e cinco anos), por considerar um período longo numa relação estreita com o ecossistema de manguezal.

Nesse ínterim, foram considerados três homens e três mulheres de cada comunidade (Tamateua, Carateua, Bacuriteua e Bonifácio), o que totaliza o N amostral de 24 (vinte e quatro) entrevistados.

Todas as informações adquiridas em campo foram organizadas e catalogadas em um banco de dados relacional, especialmente, construído para esta finalidade. Posteriormente, foram submetidas ao Programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Uma análise descritiva de toda a atividade organizacional e do conhecimento ecológico local foi realizada. A interpretação dos dados da pesquisa ocorreu por meio da técnica da análise de conteúdo. Sobre essa técnica, Gomes (2010:54) observa que “(...) através da análise de conteúdo, podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos

manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado”. Neste sentido, a técnica de análise de conteúdo busca uma leitura compreensiva do material coletado, permitindo inferência além da mensagem descrita na investigação, o que foi realizado ao optarmos por esta temática.

Todavia, houve o aporte do método de Bauer & Graskell (2002:91) que declara

“os textos, do mesmo modo que as falas, referem-se aos pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes nos dizem mais do que seus autores imaginam”. Assim, no divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, análise de conteúdo “é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e método””.

A partir de então, os dados foram apresentados em formato de resultados e discussão da pesquisa, numa vertente analítica, com a apropriação literária de outras pesquisas já realizadas próximas ao que se realizou neste trabalho.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1. As Comunidades da Pesquisa

A região em estudo possui pouco mais de 21 comunidades, em que moram aproximadamente 13.000 (treze mil) pessoas. Cerca de 40% das famílias mantêm sua renda parcial ou total oriunda da coleta do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*). A captura de peixes estuarinos e marinhos ocupa quase 60% das famílias. Outras atividades como extração de camarão, sururu e

siris, bem como a extração de madeira do mangue para a construção e manutenção dos currais de pesca, currais bovinos e para a fabricação de carvão, também demonstram importância econômico-social.

As comunidades de Tamatateua, Caratateua, Bacuriteua são formadas, sobretudo, por pescadores artesanais e por pequenos agricultores, o que permite destacá-las como agro-pesqueiras. A comunidade de Bonifácio é prioritariamente dedicada à pesca marítima e estuarina.

Krause *et al.* (2001) e Diele (2000) afirmam que o produto de maior relevância nos manguezais de Bragança é o *Ucides cordatus*. Certamente, os caranguejos são alvos de capturas e vendidos nos mercados locais e regionais do estado do Pará, o que também foi verificado por Glaser (2003), mas com o indicativo de beneficiamento da carne do caranguejo⁴. Certamente, a vida das famílias do mangue está relacionada estreitamente ao ecossistema de manguezal; assim, há a necessidade de se conhecer a importância desse ecossistema.

A renda constituída destas famílias que sobrevivem do mangue está relacionada, em grande medida à pesca, seja de peixe e/ou do caranguejo-uçá. A constituição da renda mensal das famílias se dá pela participação direta de todos os membros (Figura 2). Adicionalmente, percebem-se o envolvimento familiar nas demais atividades relacionadas à coleta de pescado, tais como: confecção e conserto de redes, coleta de lenha do mangue, trabalhos com artesanatos

a partir dos resíduos sólidos naturais, dentre outros.



Figura 2: Atividade familiar com o envolvimento de homens e mulheres no processo de esvartejamento do Caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) nas comunidades no entorno dos manguezais, Bragança-PA, costa amazônica brasileira. (Foto: Autores).

Os homens, em grande medida, voltam suas atividades de pesca para os produtos de maior valor no mercado e, portanto, sua produção é mais monetarizada, operando com espécies costeiras e marinhas de maior valor monetário na região, tal como a pescada amarela (*Cynoscionacoupa*), o pargo (*Pagruspagrus*), a corvina (*Micropogoniasfurnieri*), o camarão (*Litopenaeus schmitti*), o caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) (Vieira *et al.* 2013b). As mulheres extraem recursos como peixes costeiros, moluscos, crustáceos e ervas medicinais, prioritariamente para o sustento e manutenção familiar.

Glaser (2005) em estudo realizado na região confirma que a pesca destinada para o autoconsumo é realizada predominantemente por mulheres e crianças. Para a autora, embora essa produção não gere receita financeira, desempenha um importante papel na economia domiciliar rural. Isso implica dizer o

quanto o trabalho, sobretudo das mulheres, é fundamental para a sobrevivência da família e, conseqüentemente, da comunidade.

Por conseguinte, no caso dos trabalhos das mulheres, devido à ausência de monetarização e ao caráter de domesticidade no uso e manipulação dos produtos coletados, sobretudo os peixes, moluscos, crustáceos, é relegado ao silêncio, mesmo quando as atividades das mulheres são cruciais para a reprodução social do grupo como um todo (Woortmann 1992).

Entre as famílias do mangue a divisão social do trabalho já nasce com os lugares de gênero definidos, ou seja, o que é de homem, o que é de mulher (Vieira *et al.* 2013b). Isso porque as relações de gênero, seja qual for a sociedade, são estruturantes e hierárquicas. O mesmo se reproduz nas sociedades em que as relações de reciprocidades, solidariedades estão muito presentes.

Numa combinação de análise sociológica e ambiental, ressalta-se que existem comunidades estuarino-costeiras que possuem importante correlação com os manguezais, a maioria, com dependência de recursos naturais para sua (sobre)vivência. Noutra ponta, percebe-se que os estuarino-costeiros possuem como base alimentar produtos com alto teor proteico, extraídos do manguezal, assim como a utilização de ervas medicinais, além da madeira de mangue para suas necessidades diárias, como construções e lenha (Grasso & Tognella 1995).

Dada a importância desse ecossistema, pode-se ressaltar que a forma de

organização social das famílias do mangue, com relação ao ambiente manguezal, é por si só peculiar, uma vez que elas possuem práticas, percepções, crenças e relações intimamente ligadas à natureza.

As famílias do mangue possuem características próprias na forma de organização social, seja com relação à religião, à cultura, ao manejo dos recursos naturais e à economia. Neste sentido, percebe-se que a organização social das famílias possui sua essência segundo as práticas e atividades exercidas com relação ao ambiente em que estão inseridas. Como exemplo, podem-se citar as safras, que também são motivos de festas e comemorações nas comunidades.

Trata-se de um período de fartura e de possibilidades de aumento da renda, uma vez que determinadas espécies como o caranguejo-uçá, o camarão e a pescada amarela têm significativo valor comercial se comparados com outras espécies da região. Os festivais da gó, do camarão, do caranguejo e da tainha, são alguns dos exemplos destas comemorações nas diversas comunidades do litoral nordeste paraense.

2.2. Atividades laborais e relações sociais estabelecidas no entorno dos recursos naturais

Os sistemas de produção pesqueira são artesanais e se caracterizam pela variedade de técnicas de captura e de micro ambientes explorados, como por exemplo, cabeceiras de rios, igarapés, praias, restingas, foz de rios, baías, mar aberto e os próprios manguezais. A falta do capital de giro, bem como

a dependência econômica direta dos intermediários para a comercialização dos produtos, faz com que as relações de dependência econômica e política se perpetuem.

As atividades exercidas pela população dessas comunidades variam de acordo com a sazonalidade e o tempo que ela determina. As pescarias são impressas por regimes de partilha⁵, em que a reciprocidade é o principal elemento na constituição das atividades cotidianas (Figura 3).



Figura 3: Atividade de reciprocidade entre os pescadores de caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) nas comunidades do entorno dos manguezais, Bragança-PA, costa amazônica brasileira. (Foto: Autores).

Essas práticas caracterizam-se por serem não monetarizadas e visíveis, como a reciprocidade, a confiança, a troca, permanecem socialmente íntegras na comunidade, apesar das pressões de mercado e presença de novas tecnologias de pesca. É comum na comunidade, por exemplo, disponibilizar apetrechos de pesca, gratuitamente, para o consumo de vizinhos, de amigos, de parceiros, que estejam precisando ou que por algum motivo não realizaram a pescaria, parte da pesca produzida.

Sobre essa questão, Cabral *et al.* (2005) destacam que as interações que se desenvolvem a partir das trocas supraeconômicas são relevantes para o estabelecimento de laços de solidariedade e confiança. Ainda para as autoras, os bens (materiais e não materiais) que circulam no interior das relações de troca funcionam como meios eficazes para assegurar solidariedade promovendo, conseqüentemente, o processo integrador local.

Além disso, há de modo geral, um esforço coletivo para ajudar/contribuir com o outro nas diversas tarefas pesqueiras (antes, durante e após a captura), ou mesmo nas atividades ligadas ao cuidar, sobretudo quando se tem doentes na família. Na comunidade praticamente tudo é coletivo, poucas coisas são feitas individualmente; as relações são sempre muito próximas. Nesta perspectiva, Furtado (2008) reafirma que as redes de solidariedade e reciprocidade nas comunidades de pescadores ainda são muito evidentes, o que contribui para dar sustentação aos grupos domésticos e às redes de relações sociais que estabelecem nexos sociais com os grupos de vizinhança local e de outras unidades sociais congêneres, isto é, outras comunidades regionais.

Para Berno de Almeida (2010), o acesso aos recursos naturais para o exercício de atividades produtivas pelas comunidades tradicionais, evidenciam-se não apenas através das tradicionais estruturas intermediárias do grupo étnico, dos grupos de parentes ou do povoado, mas também por certo grau de coesão e solidariedade.

Essa relação, de caráter solidário, também se estende com a natureza quando lida com os recursos e com o ambiente; há, em boa medida, um tratamento, um manejo dentro da perspectiva conservacionista. E isso se dá de diferentes formas: manejo dos espaços do manguezal a partir do método do descanso ambiental⁶ (Oliveira 2014); as crenças em seres místicos, seres espirituais e narrativas como referências de controle no uso dos recursos (Curupira, Ataíde, Mãe d'Água, dentre outros); cultivo de plantas medicinais, domésticas e nativas como uma necessidade básica para diferentes usos, seja pessoal, seja familiar. Aqui o diálogo com a natureza é próximo e aberto à *outridade*, à diferença e à alteridade (Leff 2006).

A relação social, portanto, está pautada pelos laços da reciprocidade. Este fato se reflete nas diversas atividades exercidas pelas famílias do mangue, por exemplo, na fabricação da farinha, na pesca, na agricultura, no beneficiamento do caranguejo, nas festas profanas e religiosas, dentre outras.

O sistema de partilha e/ou compartilhamento se constitui mediante a reciprocidade, geralmente por ocasião do esforço de trabalho. Várias são as atividades divididas entre os parceiros de pesca, por exemplo: num grupo de pescadores a canoa pertence a uma pessoa, que, de modo geral, é dividida com outras três, quatro ou cinco pessoas para subirem ou descerem o rio a fim de pescar o caranguejo (a maioria das vezes) ou quaisquer outros recursos do estuário, sendo que esta ou aquela pessoa leva a alimentação (farinha, carne enlatada, etc.); esta ou

aquela assume a responsabilidade de remar, ou mesmo fornecer o combustível para a locomoção da canoa, quando motorizada; esta ou aquela torna-se responsável pelo tabaco, quando fumantes (a maioria); todos pescam em comunhão, num mesmo ambiente/área, sem observância de afastamento desta ou daquela pessoa; e, quando do retorno, o recurso pescado é dividido em igual entre as pessoas que compuseram a tripulação da embarcação.

“Sempre organizo com os meus companheiros, meus cunhados, meus vizinhos e até meus parentes. Não sou de pegar o caranguejo sozinho. Primeiro porque sair, hoje, sozinho não é muito bom. Quer vê quando tem que ir longe, pra pegar um bom caranguejo. É muita luta. Já pensou eu ter que remar, caminhar sozinho com feiras e feiras de caranguejo nesse mangal de meu Deus. “Vichi”, é muito trabalho. Então, eu sempre me organizo com os outros. Até tou acostumado com isso. Porque um ajuda o outro, e, aí o esforço não é tão pesado, mas é dividido e a gente pesca mais, consegue trazer mais, mesmo agente dividindo quando chega na beira; eu já fiz essa conta” (Pescador entrevistado 4).

“Sou mais de sair junto. Saio sozinho pra pegar caranguejo quando é aqui pertinho, só pra comida mesmo. Quando é pra gente vender, temo que ir longe, pegar mais um pouquinho, um caranguejo melhorado, mais graúdo. E aí, a gente é só, só eu e meus filhos que ainda são pequenos ... minha mulher não foi acostumada a tirar caranguejo e mesmo assim é muito trabalho. Ai, o que faço, me uno aos outros que

vão, a união é que faz a força. Eu não tenho a canoa, mas tenho força pra remar e andar mesmo. Daí é melhor junto com outros que tiram o caranguejo” (Pescador entrevistado 11).

“Eu organizo assim: vou atrás do pessoal do grupo. A gente tem um grupo que sai pra tirar o caranguejo, aí a gente marca o dia, a hora, dividi logo o que toca pra cada um. Somo em seis, o meu irmão tem uma canoa com motor, de rabeta, aí o seu Fulano leva a gasosa, outro leva a farinha, um outro procura levar um pouquinho mais de tabaco e assim a gente vai. Quando chega de volta, a gente dividi tudo. E dá mesmo, porque se fosse sozinho eu tirava umas oito cambadas e pra carregar sozinho de dentro do mangal até chegar na canoa, hum!!!, é muito peso. Quando a gente vai com mais gente, coloca numa vara, o pau de carga, várias feiras. E aí um pega numa ponta e outro na outra ponta e joga no ombro e vai embora” (Pescador entrevistado 22).

A partir dessas falas, pôde-se constatar que a reciprocidade é evidente, e, quando se percebe nos traços dos discursos dos pescadores expressões como: “dividi tudo”, “junto” e “um ajuda o outro”, o que, certamente reforça o que a Ostrom (2008), chama a atenção para a estratégia de organização social em comunidades com traços tradicionais, tal como as famílias do mangue do litoral nordeste paraense.

O que se quer destacar aqui é como, apesar da maior e contínua aproximação das comunidades ancoradas na pesca artesanal, com sistemas tipicamente capitalistas de produção e dis-

tribuição, mantêm vivos laços de troca, de partilha, de socialização dos saberes, de solidariedade e de reciprocidade, assim como pilares da noção de grupo, do outro e de coesão social, numa direção bem diferente do individualismo, que é, por sua vez, pilar do modo de produção hegemônico.

2.3. Saberes e relações ambientais

Como em muitos outros locais, a atividade de pesca artesanal desenvolvida pelas famílias do mangue está determinada pelas condições ambientais. Aspectos como condição do vento, da maré e do tipo de fundo determinam o ambiente e a espécie-alvo a ser explorada. Desde cedo, ainda na infância, os pescadores e as pescadoras usuárias do manguezal aprendem a identificar os pesqueiros – locais de pesca, com base no tipo de fundo (areia, pedra ou lama). A identificação da profundidade (em braças) também é uma das primeiras lições ensinadas aos mais jovens. Geralmente a identificação do tipo de fundo e profundidade ocorre com auxílio de *prumo* ou âncora. O domínio desses saberes, fortemente relacionados, é apreendido não somente para facilitar a captura do pescado, mas como medida de segurança no mar.

Aqui, a natureza é condicionante como também determinante da vida social local. Para Diegues (2004), os conhecimentos e saberes englobam diversos campos, como a classificação de espécies aquáticas, comportamento dos peixes e migração das espécies, bem como as características físicas e geográficas do habitat aquático e as artes de navegação e pesca.

Para os pescadores mais velhos e mais experientes, conhecer o ritmo da natureza, como ela se apresenta e como se comporta, é tarefa primeira para quem inicia a profissão. Os mais jovens participam de pescarias sempre em companhia dos mais experientes, parentes ou vizinhos, homens e mulheres, até que se tornam pescadores ou pescadoras e passam a compor seus próprios grupos de pesca com os parentes e/ou parceiros.

Daí porque os conhecimentos da tradição são transmitidos das gerações mais experientes para as mais jovens, sobretudo pela oralidade e pelas práticas do cotidiano. Porque na pesca artesanal o jogo do ensinar e do aprender, ora sistemático, ora espontâneo, por meio da observação do outro, reforçam a prática, desde cedo, das diferentes atividades que envolvem a pesca de homens e mulheres de diferentes idades (Moraes 2008). Nesta perspectiva, Almeida (2010) destaca que distantes do senso comum, os saberes da tradição constituem uma ciência que, mesmo operando por meio das universais aptidões para conhecer, expressa contextos, narrativas e métodos distintos.

Esses saberes, Davis e Wagner (2006), Moraes (2008) definem como conhecimento ecológico local. É constituído por um sistema de compreensões e “saber-fazer”, que evolui ao longo do tempo, a partir de experiências e observações individuais e coletivas, mediadas pela cultura, de forma que fatores ambientais, características comportamentais e a dinâmica ecológica são consideradas. Certamente, o que também serve conceitualmente para as famílias do mangue, no que tange à re-

produção social, cultural e econômica no ecossistema de manguezal. Associadas as experiências vividas por essas populações, Diegues (2004) ressalta que essas atividades evidenciam um conjunto de práticas cognitivas e culturais, habilidades práticas e saber-fazer, transmitidas oralmente com função de assegurar a reprodução do modo de vida nas comunidades de pescadores artesanais.

Exemplo disso são os períodos de safra. Esses períodos, determinados pelos ciclos naturais, condicionam o calendário da produção, bem como a organização da divisão sexual e geracional do trabalho. É na safra que as famílias potencializam seus esforços de pesca no sentido de ampliar a produção e, conseqüentemente, a renda. Nas comunidades estuarino-costeiras, estudadas, os pescadores e as pescadoras seguem o calendário de atividades, adaptado ao ciclo de vida e à abundância ou escassez dos diferentes recursos pesqueiros. De maio a julho, há um esforço de pesca das famílias na captura da pescada-gó. Durante o período seco, julho a dezembro, cerca de 80% capturam o camarão branco, a pescada amarela, o sururu (Vieira *et al.* 2013a).

De modo geral, os jovens são inseridos socialmente na atividade de pesca. Ainda que não ocorra uma inserção forçada, ela se inicia muito cedo, ainda na infância, e se concretiza, de modo geral, na juventude, quando os pescadores e as pescadoras, sobretudo os primeiros, passam a integrar os grupos pesqueiros interfamiliares.

Durante a formação do pescador e da pescadora para a atividade de pesca, a contribuição de cada sujeito (pai, mãe, irmãos, tios, avós, parceiros/as), a partir das relações geracionais, se dá de diferentes formas, mas com a reprodução dos lugares de gênero - os ensinamentos dados pelas e para as mulheres, em boa medida, não são os mesmos disponibilizados pelos e para os homens. A atividade da pesca está estruturada em uma rígida divisão sexual do trabalho, com lugares e aprendizados calcados no gênero.

No caso da pesca, a prática e a experiência são elementos fundamentais. As jovens pescadoras, longe de terem as mesmas oportunidades e ensinamentos dos homens, aprendem prioritariamente a lidar com o pescado (limpar, eviscerar, retalhar, salgar), em grande medida, com a mãe. Concomitantemente, aprendem a utilizar os espaços e os recursos existentes dentro do estuário, sobretudo, os furos e o manguezal, reproduzindo os lugares de gênero no território biofísico. As atividades em terra, como confecção de redes de pesca especialmente, também são socializadas.

Acerca dos jovens pescadores, a socialização dos conhecimentos pesqueiros caminha em direção à profissionalização no setor. Neste caso, o nível e o grau de ensinamentos e de conhecimentos sobre a atividade de pesca extrapolam o limite do estuário, isto é, os territórios e os domínios de atuação, como os inúmeros pesqueiros (locais de pesca), vão tendenciosamente alargando-se e diversificando-se, situação não compatível à das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto se propôs a discutir o perfil e as práticas holísticas da população residente na região nordeste paraense dependente, diretamente dos recursos naturais do ecossistema de manguezal, caracterizadas aqui como famílias do mangue.

Neste aspecto, observa-se que estas populações têm como marca de suas atividades uma relação direta com o ambiente, tanto no que diz respeito ao usufruto dos recursos que este oferece quanto na sua dinâmica de se relacionar com o mesmo. O respeito à Mãe d'Água, ao Ataíde são exemplos dessa relação. Aqui, as famílias do mangue vivem no e do manguezal.

No decorrer do estudo, percebeu-se que, para além das relações com o ambiente, estas famílias interagem entre si nas diversas fases e processos nos quais estão inseridas, seja na coleta do caranguejo, na pescaria, no conserto dos apetrechos de pesca; seja na organização da festa comunitárias, onde a principal marca é a solidariedade e a reciprocidade entre famílias e membros familiares.

Ressalta-se que embora se encontrem aspectos comuns a qualquer outra comunidade, seja pesqueira ou agrária, como as definições do lugar que um homem ou uma mulher ocupam naquele espaço, as especificidades destas comunidades as diferenciam pelo ambiente, espaço em que as pessoas se conhecem e reconhecem.

É nele que se constroem as relações de parentesco, de vizinhança. São relações que ganham sentido na medida da re-

ciprocidade que elas permitem. Neste ambiente, as pessoas se aproximam da natureza, transformam-na em seu habitat e são transformados por ela; usufruem de seus recursos, adotam seus encantos e desfrutam de sua tranquilidade “aparente” de vida.

NOTAS

¹ Povos e comunidades tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil 2007).

² Caracteriza-se por utilizar uma variação de tecnologia, como o uso do anzol e redes, embarcações pequenas, de 3 a 8 metros, impulsionadas pelo vento (à vela) ou embarcações de 8 a 12 metros funcionando com motores de baixa propulsão, levando cerca de 3 a 4 pescadores, geralmente restritos ao grupo familiar ou constituído por fortes relações de amizade (Maldonado 1984; Silva-Jr 2008). Complementarmente, Diegues (1983) ressalta que a pesca artesanal é uma forma de produção pesqueira, onde uma das características é a produção do valor de troca em maior ou menor intensidade; isto é, a produção tem finalidades próprias, ou seja, uma parte desta serve à subsistência pessoal e familiar, enquanto a outra é destinada ao mercado.

³ Conhecimento Ecológico Local (CEL) é um sistema de compreensões e “saber-fazer” que evolui ao longo do tempo, a partir de experiências e observações individuais e coletivas, mediadas pela cultura, de forma que fatores ambientais, características

comportamentais e dinâmica ecológica são considerados (Davis & Wagner 2006).

⁴ Limpar, esquartejar, cozinhar e extrair a carne (“massa”) do animal para a comercialização e consumo.

⁵ Os pescadores são pagos com parte da captura, em lugar do assalariamento, encarando seus companheiros como sócios (Torres 2004).

⁶ Consiste numa prática de “deixar” de explorar aquela área por certo período de tempo, o que chamam de área de descanso. Essa estratégia é convencionalizada entre os extrativistas, de modo informal, para que aquela área não receba nenhuma pressão antrópica por tempo determinado.

REFERÊNCIAS

Barbosa, G. V. & Pinto, M. N. 1973. Geomorfologia da folha SA-23 (São Luiz) e parte da folha SA-24 (Fortaleza). In: Brasil. *Projeto RADAM BRASIL*.

Bauer, Martin W. & Gaskell, George. 2002. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Bayley, P. B.; Petrere Jr, M. 1989. Amazon fisheries: assessment methods, current status, and management options. In: Dodge, D. P. (ed.) Proceedings of the International Large River Symposium. *Canadian Special Publication of Fisheries and Aquatic Sciences* 106:385–398.

Berno De Almeida, A. W. 2004. Terras Tradicionalmente Ocupadas: Processos de Territorialização, Movimentos Sociais E Uso Comum. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* 6(1): 9-32, ANPUR.

Brasil. Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Presidência da República, Casa Civil. 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-

[2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 02/01/2013.

Cabral, N.; Mathis, A.; Glaser, M. 2005. Políticas públicas, capital social e participação na pesca artesanal no nordeste paraense. In: Glaser, M.; Cabral, N.; Ribeiro, A. L. *Gente, ambiente e pesquisa: manejo transdisciplinar no manguezal*. Belém: NUMA/UFPA.

Canestri, V.; Riuz, O. 1973. Destruction of mangroves. *Mar. Pollut.* 4:183-185.

Castro, E. 1997. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: Castro, E.; Pinton, F. (Ed.). *Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente*. Belém: Editora CEJUP, 221-242.

Davis, A.; Wagner, J. R. 2006. A right to fish for living? The case for coastal fishing peoples’s determination of access and participation. *Ocean & Coastal Management*. 49:476-497.

Diegues, A. 1983. *Pescadores sítiantes e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática.

Diegues, A. C. 1996. Populações tradicionais e biodiversidades. In: Diegues (ed). *O mito moderno da natureza intocada*. Editora: Hucitec, São Paulo.

Diegues, A. C. 1995. *Povos e Mares: leituras em socioantropologia marítima*. São Paulo: NUPAUB/USP.

Diegues, A. C. 2004. *O mito moderno da natureza intocada*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec.

Diele, K. 2000. Life history and population structure of the exploited mangrove crab *Ucides cordatus* (L.) (Decapoda: Brachyura) in the Caeté estuary, North of Brazil. Bremen: *Centre for Tropical Marine Ecology (ZMT Contribution, n° 9)*.

Furtado, L. 1994. Comunidades tradicionais: sobrevivência e preservação ambiental. In: D’Incao, M. A. e Silveira, I.M.

(Orgs.). *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém, MPEG.

Furtado, L. G. 2008. Sobre os Argonautas da Amazônia: o estado da arte dos conhecimentos sobre os pescadores: uma contribuição aos estudos da Antropologia. In: Leitão, V.; Maués, R. (Org.). *Nortes antropológicos: trajetões, trajetórias*. Belém: EDUFPA.

Furtado, L.; Leitão, W.; Mello, A. F. 1993. *Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

Glaser, M. 2003. Interrelations between mangrove ecosystem, local economy and social sustainability in Caeté Estuary, North Brasil. *Wetlands Ecology and Management*, [S.1.] 11(4):265-272.

Glaser, M. 2005. Inter-relação entre o ecossistema manguezal, a economia local e a sustentabilidade social no estuário do Caeté, Norte do Brasil. In: Glaser, M.; Cabral, N.; Ribeiro, A. L. *Gente, ambiente e pesquisa: manejo transdisciplinar no manguezal*. Belém: NUMA/UFPA.

Glaser, M.; Krause, G. 2003. User-based co-management in Brasil. In: Cip-Upward (Ed.). *Conservation and sustainable use of agricultural biodiversity*. Los Banos Laguna, Philippines: Cip-Upward, Gtz, Idrc, Ipgri, Searice.

Gomes, Romeu. 2010. Análise e Interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Minayo, M. C. de S. (org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes 79-108.

Goarayeb, A. 2008. *Análise integrada da paisagem na bacia hidrográfica do Rio Caeté – Amazônia Oriental*. Tese de Doutorado. Ecologia. Universidade Estadual Paulista, Brasil.

Grasso, M.; Tognella, M. M. P. 1995. Utilização econômica. In: Schaeffer-Novelli, Y. (Coord.). *Manguezal: ecossistema entre a*

terra e o mar. São Paulo: Caribbean Ecological Research.

Harris, M. 2006. Presente Ambivalente: Uma maneira Amazônica de estar no tempo. In: Adams, C.; Murrieta, R.; Neves, W. *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume.

Isaac, Victoria Judith; et al. 1999. O censo estatístico comunitário: metodologias para os primeiros contatos – levantamentos participativos e multidisciplinares e incentivos à cooperação junto aos grupos-alvo de projetos de desenvolvimento. Brasília: *Coleção Meio Ambiente/IBAMA*, Série Estudos Pesca 21.

Krause, G. et al. 2001. Spatial patterns of mangrove ecosystems: the Bragantian mangroves of North Brazil (Bragança, Pará). *Ecotropica*, [S.1.] 7(1-2):93-107.

Leff, E. 2006 *Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Maldonado, S. C. 1984. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ática.

Maldonado, S. C. 1993. *Mestres & Mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: ANNABLUME 2.

Maneschy, C. 1995. *Ajuruteua: Uma comunidade pesqueira ameaçada*. Belém: Ed. UFPA.

Maneschy, M. C. 2005. Sócio-economia: Trabalhadores e trabalhadoras nos manguezais. In: Fernandes, M. E. B. (Org.). *Os Manguezais da Costa Norte Brasileira*. vol. II. Fundação Rio Bacanga, São Luís.

Marques, S. N.; Carvalho, E. A.; Mello, C. S. 1997. Levantamento preliminar das angiospermas de manguezal da estrada de Ajuruteua, município de Bragança (PA). In: *III Workshop Internacional sobre Dinâmica e recomendações para Manejo em áreas de Manguezais de Bragança – PA*. Resumos: 3-4.

- Moraes, S. C. 2008. Fragmentos de Saberes Tradicionais. In: Alves, Laura Maria Silva Araújo. *Cultura e Educação: Reflexões para a prática docente*. Belém, EDUFPA.
- Murrieta, R. S. S. 1998. O dilema do papa-chibé: consumo alimentar, nutrição e práticas de intervenção na Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. *Revista de Antropologia da USP* 41:97-150.
- Murrieta, R. S. S. 2001. Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Iha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. *Revista de Antropologia da USP* 44:39-79.
- Oliveira, F. P. de. 2006.** *Avaliação de impactos sócio-ambientais no litoral bragantino*. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental). Campus Universitário de Bragança/ Instituto de Estudos Costeiros/UFPA, **83p.**
- Oliveira, M. do V.; Maneschy, M. C. A. 2014. Territórios e territorialidades no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança, Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* 9(1):129-143.
- Ostrom, E. 1998. A behavioural approach to the rational-choice theory of collective action. *American Political Science Review* 92: 1-22.
- Pannier, R.; Pannier, F. 1980. Estructura y dinamica del ecosistema de manglares: um enfoque global de la problematica. In: *Memorias del Seminario sobre el estudio científico e impacto humano en el ecosistema de manglares*. UNESCO, ROSTLAC. Montevideo. 46-55.
- Proisy, C.; Sousa-Filho, P. W. M.; Fromard, F.; Prost, M. T. R. C.; Mendes, A. C. 2003. Monitoring the dynamic of the Amazon coast (Pará, Brazil and Frech Guiana) using a cammon methodology based on a special analysis coupled to a simulation tool, in: Mangrove, Salvador. *Livro de Resumos*. 1:459-459.
- Silva-Jr., S. R. 2008. *A pesca artesanal e o Fundo Constitucional do Norte: um estudo sobre o financiamento concedido aos pescadores artesanais da região bragantina*. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Ecossistemas Costeiros e Estuarinos) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental.
- Simões, M. F. 1981. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série Antropologia 78:1-32.
- Torres, V. L. 2004. *Envelhecimento e pesca: redes sociais no estuário amazônico*. Belém: Cejup, Coleção Megam/3.
- Vieira, N. C.; Moraes, S. C.; Nunes, Z. M. P. 2013a. A study of fishing and educational level of young fishers on the Bonifácio Village, Bragança, Pará, northern coast of Brazil. *Bol. Inst. Pesca* 39(2): 195–204.
- Vieira, N. Siqueira, D. Ever, M. Gomes, M. 2013b. Divisão Sexual do Trabalho e Relações de Gênero em Contexto Estuarino-Costeiro Amazônico. *Revista Antropologia Amazônica*. (Online) 5 (3) Especial: 788-817.
- Wolf, M.; Koch, V.; Isaac, V. 2000. Atrophic flow model of the Caete mangrove estuary (North Brazil) with considerations for the sustainable use of its resources. *Estuarine Coastal Shelf Science* 50:789-803.
- Woortmann, E. 1992. Da complementaridade à dependência: Espaço, tempo e Gênero em comunidades Pesqueiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 18: 41-61.

Recebido em 10/06/2017

Aprovado em 02/08/2017